

Como a TV Vanguarda e a TV Globo cobriram as manifestações a favor do impeachment, de 2016¹

Fernando Lucarevschi Baptista²

Rafael Grohmann³

Faculdade Cásper Líbero

Resumo

Este artigo tem por objetivos analisar inicialmente o discurso feito por telejornais da TV Vanguarda -- emissora afiliada à Rede Globo -- e pela TV Globo (respectivamente, Vanguarda TV e Jornal Nacional) na cobertura das manifestações políticas ocorridas no Brasil no ano de 2016 a favor do processo de impeachment sofrido pela presidente da república Dilma Roussef (PT). Também serão analisados o conteúdo dos telejornais, buscando entender como as notícias específicas são dispostas em relação aos outros assuntos abordados.

Palavras-Chave: mídia regional; manifestações; impeachment; Rede Globo

1. Introdução

O ano de 2016 foi marcado pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, acusada de cometer pedaladas fiscais com o orçamento público em 2015. A ação se enquadraria em crime de responsabilidade, suficiente para que fosse aberto processo de impeachment contra a chefe de governo. O processo, corrente no poder legislativo, incentivou a participação das pessoas em manifestações populares, convocadas por grupos como o “Movimento Brasil Livre” e o “Revoltados Online”. Esses atos já existiam desde 2015 e se fortaleceram com as notícias relacionadas ao impeachment.

Manifestações como a do dia 13 de março de 2016, por exemplo, estabeleceram recordes de participação no país. Segundo dados da Polícia Militar, cerca de 3 milhões de pessoas foram às ruas em todo o território nacional. Na mesma semana, impulsionados pelo vazamento de áudios relacionados à investigação da Lava Jato, as ruas foram tomadas novamente, pressionando cada vez mais o governo federal. Essas manifestações não se restringiram aos grandes centros. O interior do estado de São

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: flucarevschi@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: rafael-ng@uol.com.br

Paulo também foi palco de diversos atos, que contavam sempre com um número expressivo de participantes.

Esse artigo tem como objetivo geral, analisar como os telejornais TV Vanguarda, da emissora de televisão homônima afiliada à TV Globo no Vale do Paraíba, interior de São Paulo, e o Jornal Nacional, da cadeia nacional da emissora, realizaram a cobertura jornalística das manifestações referentes ao processo de impeachment da presidente Dilma Roussef, no ano de 2016.

A partir disso, utilizaremos a análise de conteúdo nos telejornais da TV Vanguarda nos dias seguintes às manifestações (pois muitas ocorreram em domingos, dia em que a maioria dos telejornais não são transmitidos), como forma de “detectar tendências e modelos” (Herscovitz, 2007) na edição do jornal; analisar o discurso dos repórteres, apresentadores e seus entrevistados, com intuito de “identificar os sentidos conferidos a cada locutor” (Benetti, 2007); assim como analisar a construção das reportagens, com foco nos elementos audiovisuais utilizados, procurando definir como os símbolos (Todorov, 1977) usados interferem na construção de sentido pelo telejornal; e, por fim, comparar as coberturas jornalísticas em nível regional e nacional.

2. Telejornalismo: nacional e regional

Os telejornais – e, mais especificamente, os telejornais de televisão aberta -- são hoje a principal forma de transmissão de conteúdo no Brasil, sendo possível afirmar que a televisão, enquanto meio de comunicação de massa, tem um impacto muito grande na população brasileira. Nas palavras de Jussara Maia,

passados mais de cinquenta anos desde a implantação da televisão no Brasil, o veículo mantém-se na liderança como o meio de comunicação de massa de maior alcance no país, principalmente, pelas características sociais, econômicas, políticas e culturais brasileiras. Em meio à diversidade de programas exibidos ao longo de mais de meio século, os telespectadores seguem se relacionando e fazendo apropriações de uma programação que é continuamente modificada, atualizada. (Maia, 2005, p.13)

Seu grande alcance é atingido, também por uma necessidade da população de receber notícias e buscar conhecimentos novos. Como afirmam Coutinho e Fernandes (2007), uma grande parte da população se informa prioritariamente por meio do telejornalismo. “Ao assistir as notícias, muitas pessoas querem mais do que uma

informação sobre algum fato, mas sim saber o que acontece na economia, na política e acompanhar o cotidiano de sua cidade, país e o mundo” (Coutinho, 2007, p. 7).

Os telejornais do país tendem a ocupar um espaço, na vida dos espectadores, semelhante ao espaço ocupado pela família, escola e consumo, por exemplo (Coutinho, 2007). Um momento em que isso se torna claro são reuniões de família em que todos se unem ao redor de uma televisão para assistir às notícias.

Nesse contexto, é possível distinguir duas formas de telejornalismo atualmente: o nacional, abrangente de toda a extensão territorial do país e, na maioria dos casos, focado em questões políticas; e o regional, cujo público-alvo é específico e possui uma gama menor de assuntos a serem abordados a cada vez que vai ao ar.

O jornalismo praticado em um âmbito nacional -- incorporado na televisão por programas como os jornais Hoje e Nacional, da TV Globo e o Jornal da Band da rede Bandeirantes; e nos jornais impressos pela Folha de São Paulo, O Globo e o Estado de São Paulo -- possui características marcantes, principalmente pelo fato de sua cobertura abranger uma grande variedade de temas.

Sua principal característica é a predominância de notícias vindas das editorias de política e economia, em relação a outros temas, como cultura e esporte. Reportagens policiais, por exemplo, terão pouca exposição. Os casos, para serem veiculados, precisam de um diferencial: algo que chame muito a atenção dos telespectadores.

Além disso, o jornalismo em rede nacional possui, geralmente, uma editoria “a mais”: notícias internacionais, apresentadas por correspondentes internacionais em algumas regiões.

No entanto, muitos jornais que tentam realizar seu noticiário de maneira nacional acabam por excluir diversas cidades brasileiras. Isso ocorre por dois motivos: o primeiro, é a grande extensão territorial do país, que dificulta a comunicação entre as diversas regiões. Essa dificuldade de conexão entre os estados leva ao segundo problema: a concentração da produção de notícias em apenas três cidades (Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília), deixando de lado notícias de locais mais distantes.

Alvo de menor atenção dos estudos de mídia, o jornalismo regional é uma das muitas variações possíveis da profissão. Nele, são priorizadas reportagens de conteúdo local, que aproximam o leitor/espectador/ouvinte do veículo emissor. Seu objetivo, no entanto, é o mesmo de grandes grupos midiáticos. Nunomura (2015, p. 99), a partir de

Patrick Charaudeau, afirma que “a instância de recepção é constituída de um conjunto impreciso de valores ético-sociais e afetivos-sociais, obrigando a instância midiática a apresentar informações que procurem corresponder às expectativas de seu público”. O objetivo final dessa aproximação com o leitor, ouvinte ou telespectador é conseguir algum rendimento com a publicação.

A mídia local se ancora na informação gerada dentro do território de pertença e de identidade em uma dada localidade ou região. Porém, ela não é monolítica. Não há uniformidade no tipo de vínculo dos meios de comunicação em suas regiões, pois a inserção (mais ou menos) comprometida localmente depende da política editorial de cada veículo (Peruzzo, 2005, p. 76).

Para atingir tal objetivo descrito por Peruzzo, os veículos de comunicação – especificamente os telejornais, foco deste artigo -- tentam fazer com que as pessoas se vejam nas reportagens realizadas (Flausino, 2002). As matérias são feitas preferencialmente com muitas entrevistas, abrindo espaço para a participação de delegados de polícia, moradores locais e pequenos comerciantes. A escolha de matérias é diferente do âmbito nacional, pois, em noticiários locais, é preferível noticiar quedas de árvore ante tabelas de crescimento, por exemplo.

As reportagens são transmitidas de maneira mais “leve”, dando preferência a uma narrativa dos fatos. O diálogo na mídia local também é digno de nota. Durante a apresentação de um telejornal, por exemplo, é possível perceber uma tentativa de “inclusão do espectador no noticiário”, feita por perguntas voltadas para o público-alvo (Flausino, 2002).

É preciso ter em mente, por fim, que existem grandes diferenças entre o perfil do receptor local e do receptor regional (Nunomura, 2015), independentemente do tipo de veículo a ser analisado: seja ele um jornal impresso, a televisão ou um programa de rádio. Essas diferenças são da ordem das mais variadas, sejam elas de classe social ou de formação cultural.

3. A Globo e a Vanguarda

Fundada em 1965 por Roberto Marinho no Rio de Janeiro, a TV Globo é a maior emissora de televisão aberta no Brasil. Sua grade de programação é a mesma desde os anos 1970, fórmula que consolidou seu modelo como algo eficiente. A audiência da

emissora é sustentada, prioritariamente, por três novelas, transmitidas no horário nobre de segunda a sábado.

Em relação ao telejornalismo global, destacam-se dois programas. O primeiro é o Jornal Hoje -- transmitido na hora do almoço e que une, em um só programa, diversos perfis de espectadores. Isso dá ao telejornal um caráter de “resumo do dia”, noticiando, por exemplo, cotações da bolsa de valores e, em seguida, dicas de viagens com pouco dinheiro e matérias de comportamento, em geral.

O segundo programa é o Jornal Nacional, mais sério em comparação ao Hoje e transmitido entre as duas últimas novelas, no horário nobre. A impessoalidade de seus apresentadores é outra característica marcante. Como afirma Adriano Sampaio (2009): “os rostos dos apresentadores são sérios e tentam não transmitir juízo acerca das matérias que acabam de noticiar, controlando as expressões faciais”.

A escolha da pessoa verbal é outro fator que distancia os apresentadores – que só utilizam a primeira pessoa do plural em referência ao próprio jornal -- de seu público. Mesmo com todas essas características, o Nacional é o principal programa de cunho jornalístico do canal.

Outra característica marcante da TV Globo é a repetição de sua identidade visual e sonora. Em quase todos os intervalos comerciais da emissora é possível ver o logotipo da Globo, acompanhado de seu slogan. Slogans, aliás, que trazem sempre uma relação de proximidade entre a emissora e o espectador, como, por exemplo: “Globo: a gente se liga em você”, “Globo: a gente se vê por aqui” e “Globo e você: tudo a ver”.

Já a TV Vanguarda foi criada no ano de 2003 por José Bonifácio Sobrinho (o Boni, ex-diretor geral de programação da Rede Globo) e é a emissora afiliada à Globo responsável pela região do Vale do Paraíba, que se localiza entre as capitais Rio de Janeiro e São Paulo.

Atualmente, a Vanguarda está disponível em 44 municípios, divididos em duas regiões principais: a de São José dos Campos e a de Taubaté, cidades centrais da região. Juntas, as duas regiões somam pouco mais de 4 milhões de potenciais espectadores.

Por ser afiliada ao grupo Globo, a emissora possui uma programação muito parecida com a de sua matriz. Ao todo, cinco programas são diferentes entre uma e outra, todos exclusivos da Vanguarda. São eles: Bom Dia Vanguarda; Link Vanguarda; Jornal da Vanguarda; Vanguarda Mix; e Vanguarda Comunidade. A repetição da

identidade da emissora também se faz presente na Vanguarda, desta vez por meio da repetição de seu nome em todos os seus programas.

Seus telejornais colocam em prática uma proposta diferente da utilizada por sua matriz. Muito disso ocorre, principalmente, por causa da grande variedade de pessoas que podem ser consideradas possíveis espectadores. É o que afirma a pesquisadora Cristina Flausino:

O vale [do Paraíba] é cortado pela Via Dutra, uma das principais estradas do país no escoamento da produção industrial brasileira. Por sorte, também é caminho para as praias do litoral Norte paulista e para as cidades serranas da Mantiqueira. É nesse universo, que mescla desenvolvimento industrial, ciência e tecnologia, tradição, religiosidade e hábitos de vida rudimentares que a TV se movimenta, tentando se ocupar das grandes e das pequenas narrativas que caracterizam os espaços onde as pessoas vivem e fazem suas histórias (Flausino, 2002, p.2).

Desta afirmação, pode-se perceber que, muito mais do que apresentar fatos sobre a região, a emissora tem uma proposta de “aproximação” com seus espectadores, o que é uma tentativa de colocar em prática os conceitos do jornalismo regional, apresentados acima. Ou seja, em suas reportagens são priorizadas histórias e a opinião de quem é diretamente afetado por algum fato, em detrimento de números e tabelas. A voz popular é de extrema importância para o telejornal nesse sentido, pois é uma maneira direta de alcançar a aproximação com o espectador.

Essa característica é similar, nas capitais, ao tipo de jornalismo feito pelo SPTV (em São Paulo) e o RJTV (no Rio de Janeiro): tom leve nas reportagens, que dá preferência a narrativas e, novamente, muitos relatos de pessoas da região. Essa escolha na editoração dos jornais pode ser explicada, como afirma Nunomura, com base na Pesquisa Brasileira de Mídia referente a 2013 e 2014:

A PBM indica que o leitor fora do eixo Rio-São Paulo, e mais especificamente quem não lê Folha de S. Paulo, O Globo ou Estadão, demanda olhares mais locais, que respeitem a cultura e a diversidade regional. A instância de recepção deve ser tratada segundo suas especificidades. Um leitor de um jornal do interior quando decide consumir o conteúdo produzido por sua mídia preferida não deve sempre se pautar pelo que a imprensa nacional diz. Se este precisa de alguma informação de fora de sua região, veiculada ou não por algum jornal de circulação nacional, ele pode recorrer à internet – e já está fazendo isso. Mas a lógica de impor conteúdos nacionais fabricados segundo a ótica dos grandes veículos de comunicação já não encontra ressonância na grande parte do Brasil (Nunomura, 2015, p. 117)

A hegemonia da Vanguarda fica clara se analisados seus números de audiência, em comparação com outras emissoras. O programa que possui menor porcentagem de espectadores em seu horário é o Jornal da Vanguarda, que mesmo assim contabiliza 55% da audiência. Outros programas, como o Bom Dia Vanguarda, são mais expressivos ainda, e possuem 69% da audiência do período, em média. Seus concorrentes diretos são emissoras que não apresentam programação diferenciada por localidade, como o SBT, a Bandeirantes e a Record.

A partir dessas informações, é possível afirmar que a TV Vanguarda é responsável por uma grande parte da produção de conteúdo local da região. Dentre outros concorrentes, é digna de destaque a rádio BandVale, estação ligada à rádio Bandeirantes voltada para o Vale do Paraíba. A rádio, no entanto, prioriza as informações ligadas ao trânsito local e, desta forma, perde oportunidades de praticar um jornalismo com maior profundidade.

A produção de conteúdo regional, feita em grande escala pela TV Vanguarda, faz com que grande parte do público, ao se reconhecer diante do telejornal, crie uma identidade com a emissora, “que resulta na credibilidade do telejornal; e tem como consequência final a geração de lucro para a TV, uma vez que atrai os anunciantes locais” (Coutinho; Fernandes, 2007, p. 6).

Atualmente tanto a Vanguarda quanto a Globo passam por um processo de reformulação em sua grade de programação, movido pela queda de audiência da TV Globo em 2015. A primeira mudança perceptível ocorreu na apresentação do Jornal Nacional. Até o momento, os apresentadores se mantinham sentados por toda a transmissão, e conversavam muito pouco. No entanto, nesse mesmo ano, as notícias começaram a ser trazidas a público de maneira diferente, com os apresentadores andando pelo estúdio e “conversando” com correspondentes locais. Após algum tempo, a TV Vanguarda se adequou a esse novo formato, seguindo a mudança da matriz.

Outra mudança no departamento de jornalismo que pôde ser notada é a maior participação popular na construção das notícias, essa encabeçada pela TV Vanguarda. O espectador passou a dialogar mais com os jornalistas, muitas vezes trazendo notícias em tempo real. Essa forma de notícia, porém é utilizada somente com assuntos como trânsito ou acidentes, não atingindo a capacidade total dessa participação.

4. Metodologia

A metodologia utilizada na análise da cobertura consiste em, principalmente, duas técnicas. A primeira é a análise de conteúdo, que irá levar em consideração não apenas a frequência com que certos termos são utilizados, mas como eles se encaixam com o todo dos conteúdos abordados no telejornal. Ela irá ajudar a melhor entender a produção da notícia e a lógica organizacional por trás das mensagens expostas (Shoemaker & Reese, 1996).

A segunda técnica escolhida foi a *análise do discurso*, capaz de mapear as vozes e identificar os sentidos nos textos jornalísticos (Benetti, 2007). Desta forma, os discursos serão examinados -- com enfoque para narrações e declarações -- em uma tentativa de entender melhor o que é realmente exposto por seus locutores. Afinal, o discurso é produzido por pessoas que possuem ideologia e formação cultural definida, o que afeta diretamente sua significação.

Além disso, as duas técnicas serão utilizadas, juntas, na compreensão dos símbolos audiovisuais das reportagens -- tão importantes para a televisão quanto o próprio discurso falado.

O critério de seleção desta análise restringiu a amostra para apenas três dias de reportagens: os dias 14 de março e 18 de abril, segundas-feiras seguintes a grandes manifestações; e o dia 17 de março, quinta-feira, palco de mais uma manifestação.

5. Contexto: as manifestações

O objeto de análise nesse artigo é a série de manifestações que ocorreu no ano de 2016, e foi impulsionada pelo processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, eleita em 2014 pelo PT (Partido dos Trabalhadores). A denúncia apresentada foi feita em setembro de 2015 pelos juristas Miguel Reale Junior, Janaína Paschoal e Hélio Bicudo. Sua fundamentação é feita com base nos seis decretos orçamentários assinados pelo governo Dilma, que autorizaram o governo a gastar, aproximadamente, R\$ 2,5 bilhões a mais do que o previsto no orçamento. Essa ação foi conhecida como pedalada fiscal, e é referente ao ano de 2015.

A discussão mais relevante envolvendo o impeachment, no entanto, ocorreu ao redor da validade do processo. Parte da população acreditava ser válida a maneira como o processo corria, enquanto outra parte acreditava que o processo se tratava, na verdade, de um golpe de estado, realizado pela oposição e, principalmente por membros do

PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), caracterizado em figuras políticas como o vice-presidente da república Michel Temer e o presidente da câmara dos deputados Eduardo Cunha.

O processo de impeachment dividiu a população nacional em dois grandes grupos: um que apoiava o processo, encabeçado por movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre) e Revoltados Online, e outro que se posicionava contra o processo, encabeçado por centrais sindicais, como a CUT (Central Única do Trabalhador) e a UNE (União Nacional dos Estudantes).

No ano de 2016, algumas localizações foram tomadas por manifestações desses movimentos. É o caso, por exemplo, da avenida Paulista, em São Paulo, a praça Afonso Pena, em São José dos Campos, a orla da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro e muitos outros pontos em todos os estados do país. Esses locais, para manter-nos aos exemplos, foram palco de atos promovidos pelos dois lados da polarização.

Das manifestações, podem-se destacar, por exemplo, o ato do dia 13 de março, organizada pelo MBL e que levou mais de 1 milhão de pessoas à avenida Paulista e cerca de 3 milhões de pessoas em todo o país. Também pode ser destacado o ato do dia 31 de março, encabeçado pela CUT, que levou 40 mil pessoas às ruas em São Paulo.

Um ponto que também merece ser citado é a maneira como os telejornais cobrem momentos como esse, especialmente os de cunho político. A cobertura política atual é, como afirma Fernanda Sanglard (2010), baseada em dois aspectos: o *espetáculo* (Debord, 1997) e o *escândalo* (Thompson, 2002). Ambos vindos da busca pela liderança em audiência e pela “necessidade” de ter um número cada vez maior de leitores/espectadores/ouvintes.

O primeiro, espetáculo, compreende uma “hipervalorização da imagem” ao mesmo tempo que as coisas passam a ter um “caráter instantâneo e descartável” (Debord, 1997).

Já o segundo, escândalo, é considerado resultado dessa “espetacularização” dos telejornais. O escândalo, em si, pode ser caracterizado como “o acontecimento ocasionado por transgressões de valores, normas ou códigos morais” (Sanglard & Leal, 2010). Essa ideia faz com que as notícias passem a “precisar” de uma repercussão e visibilidade além de noticiar. Essas novas “funções” da notícia são usadas como forma de aumentar seu “valor-notícia” (Azevedo, 2010) e permitem que os telejornais continuem a explorar esse caminho noticioso.

6. Análise da Cobertura

Nas segundas-feiras que sucederam manifestações, o “Bom dia Vanguarda”, primeiro telejornal diário do canal, tratou o assunto de maneira similar: uma reportagem longa – a principal do programa – com tom predominantemente narrativo.

Em geral, duas cidades foram retratadas mais profundamente: São José dos Campos e Taubaté, contando com uma descrição feita por repórteres presentes nos atos e contando com diversas entrevistas dos manifestantes. As outras cidades da região foram abordadas pelas reportagens de maneira superficial e, em muitos casos, as imagens utilizadas foram feitas por manifestantes que contribuíram com a emissora.

Essa falta de cobertura das manifestações em outras cidades que não Taubaté e São José dos Campos mostra uma falha na emissora: ao mesmo tempo que sua proposta é de realizar um jornalismo regional, ou comunitário, ele se limita a cobrir apenas as cidades centrais de sua região, deixando de fora muitas outras.

No segundo telejornal do dia, o “Link Vanguarda”, transmitido no horário do almoço, as reportagens transmitidas são as mesmas do “Bom dia Vanguarda”, editadas para se adequarem ao espaço de tempo disponível.

O “Jornal da Vanguarda”, noticiário local transmitido no período noturno, não realizou reportagens sobre manifestações que ocorriam no domingo. No dia 14 de março, por exemplo, dia seguinte à maior manifestação brasileira, foram ao ar reportagens tais como “Comer paçoca na Semana Santa é tradição no Vale” e “Cratera aberta no Centro de Caçapava tem gerado reclamação”. Nada relacionado aos atos.

No entanto, no dia 17 de março, quando áudios do ex-presidente Lula e da presidente Dilma Roussef foram divulgados e muitos foram às ruas protestar, o jornal dedicou sua edição praticamente a esse assunto. Foram 5 reportagens, de um total de 8 exibidas no dia, que totalizaram aproximadamente 60% do tempo que o jornal foi transmitido. Nos outros dois telejornais, a cobertura foi pouco expressiva, com uma reportagem pequena na quarta-feira e outra na quinta-feira.

O Jornal Nacional, da TV Globo, abordou a temática de maneira diferente, e veiculou reportagens sobre os assuntos apenas nos dias 14 de março e 17 de março. Nas duas ocasiões, as matérias sobre esse tema foram veiculadas no meio de notícias políticas. No entanto, pouco tempo foi dedicado ao assunto: três reportagens (de um total de 17) no dia 14 e apenas uma (de um total de 15) no dia 17.

Nessas reportagens, é perceptível a mudança de tom em relação à Vanguarda. A narrativa toma conta, e nenhum manifestante é entrevistado. Por outro lado, muitos parlamentares tiveram espaço para discorrer sobre os acontecimentos. O apresentador do telejornal, William Bonner, é responsável por narrar os acontecimentos, e faz apenas um “giro” rápido por todas as cidades em que ocorreram protestos, destacando o número de manifestantes presentes e suas reivindicações. Em todas as cidades, foi possível perceber o hino nacional sendo cantado ao fundo, como espécie de música-tema dos atos.

Analisando, agora, o discurso, pôde-se perceber que a primeira frase de uma maioria das reportagens da TV Vanguarda analisadas, é “o domingo foi marcado por protestos em todo o país, e na região não foi diferente”. Essa frase, por si só, mostra uma tentativa de aproximação entre o locutor regional e o âmbito nacional das manifestações. Em outras palavras, os apresentadores buscam se incluir no cenário nacional.

Das reportagens, podemos identificar dois tipos de discursos: um primeiro, que liga a política a algo necessariamente ruim, quase sempre associado à corrupção e à crise econômica e, muitas vezes, aponta o PT como culpado de todos esses elementos negativos; já o segundo vê no impeachment uma esperança para o futuro do Brasil.

O discurso da primeira categoria – os que ligam política a algo ruim – esteve presente nas reportagens de todos os dias, com maior concentração nas manifestações de São José dos Campos. Tal posicionamento fica claro a partir de algumas frases dos manifestantes, como: “o que traz o joseense [morador da cidade de São José dos Campos] à rua é a indignação com toda essa corrupção que vem assolando o Brasil”. Nesse caso, a escolha do termo “assolando” evidencia os maus olhos com os quais o brasileiro vê sua própria política. Afinal, “assolando” tem, como significado, “devastar, arruinar, destruir, pôr por terra”, segundo o dicionário Houaiss (2002).

O discurso de outro entrevistado, colocado em sequência ao anterior, na mesma reportagem, faz uma ligação entre a noção de “destruição” da política brasileira e o PT (Partido dos Trabalhadores, de Dilma Rousseff): “O país é do brasileiro. O brasileiro tem que tomar conta do que é dele, não é do PT, nem da Dilma, nem de ninguém”, afirma, com diversos gritos de “Fora Dilma” ao fundo (grito comum às manifestações e que reforça a ideia de “rejeição” à presidente).

Essa ligação, feita pelos dois manifestantes entrevistados, foi reafirmada mais tarde, dessa vez por meio de imagens. Ao fim da narrativa referente a São José dos Campos, a câmera da emissora focou em uma placa, segurada por manifestantes, que dizia “Lula ladrão seu futuro é na prisão”, “Lula bandido” e “Lula do triplex pra cadeia”, frases que ligam o ex-presidente Lula à criminalidade (“Lula bandido”) e à corrupção (na menção ao triplex do ex-presidente).

A segunda categoria do discurso, ao contrário da primeira, ficou concentrada na cidade de Taubaté. Esse significado pôde ser construído, novamente, por meio da fala dos entrevistados: “A gente está representando a juventude do nosso país, que esperava um futuro melhor”, afirma um dos manifestantes. A busca por esperança fica evidente na escolha do termo “um futuro melhor”.

Para a construção desta categoria de sentido, a emissora de TV tem uma grande participação. A escolha das imagens pode se reduzir a dois momentos de destaque desse tipo de pensamento. O primeiro é a imagem de uma criança deixando o local da manifestação, com o fim do ato, enrolada em uma bandeira do Brasil, contra a luz. Essa imagem, por si só, traz uma “romantização” do manifestante. Justamente por ser uma criança, por estar enrolado em uma bandeira e por não ter seu rosto identificado.

O segundo momento em que as imagens ajudam na construção do significado ocorre na matéria do dia 18 de abril, referente à votação do impeachment. Nela, uma escalada de cerca de 30 segundos liga a frase de uma manifestante – “Nós queremos um mundo melhor, um Brasil melhor, que nossos filhos tenham um futuro! Porque, do jeito que está, não vai ter futuro” – a uma sequência de imagens, também romantizadas, de manifestantes, com o hino nacional sendo cantado à capela ao fundo. A fala da entrevistada mostra que, com a manutenção deste governo no poder, “não vai ter futuro”, como se a condição de vida no país alcançasse níveis tão ruins que se tornasse impossível viver nele. Além disso, podemos perceber – mais uma vez -- a romantização das pessoas que foram às ruas. A linguagem visual deste trecho apresenta uma certa interdiscursividade com figuras de heróis e apresenta até mesmo uma visão “Hollywoodiana” dos personagens.

Na mesma reportagem, outro momento chama a atenção: muitos manifestantes reunidos em um mesmo local, acompanhando, em um telão, a votação do impeachment. A cena pode ser vista nas duas cidades retratadas (São José dos Campos e Taubaté) e apresenta interdiscursividade com as reportagens sobre jogos de futebol. Essa

aproximação permite que possamos afirmar que a maneira com que o brasileiro lida com a política e sua transmissão é muito próxima da maneira com que ele lida com o futebol. Essa ideia é reforçada na narração dos repórteres: “as pessoas reagiram comemorando cada voto favorável ao impeachment e vaiando os votos contrários”, “e quando o voto decisivo foi dado, parecia até gol da seleção em copa do mundo”. As imagens transmitidas trazem os grupos de manifestantes felizes, gritando, soprando apitos e estendendo bandeiras brasileiras.

Em relação aos símbolos (Todorov, 1977) presentes, podemos destacar, destas manifestações, três que se tornaram padrão entre os manifestantes. O primeiro foi o hino nacional, presente em todas as reportagens e transmitido por um longo período de tempo; o segundo foram as cores verde e amarela, encarnadas na vestimenta dos manifestantes, na pintura dos rostos e em todos os outros adereços, como placas, buzinas e apitos; o terceiro, a bandeira do Brasil, utilizada sempre em momentos de comemoração (como no fim da votação do impeachment) e presente, invariavelmente, em todas as reportagens.

No final da reportagem, dois momentos são cruciais para entender o discurso exposto. Em primeiro lugar, foi dada voz a um último manifestante, que afirmou que: “O pessoal saiu na rua para dar esse basta [basta de corrupção] e... Foi sensacional”. Essa fala -- se colocada em contexto com os outros recursos utilizados pela emissora na construção de sentidos dos atos -- reafirma o posicionamento de exaltação do protesto, com o termo “sensacional” trazendo um valor positivo aos atos. Depois, o repórter Marcelo Hespaña, diz: “os manifestantes abriram uma bandeira do Brasil e festejaram a decisão da câmara dos deputados com sensação de dever cumprido e esperança”. Nessa fala, alguns termos como “festejaram”, “dever cumprido” e “esperança” reforçam o valor positivo que é conferido às manifestações pela matéria.

No Jornal Nacional, a fala dos manifestantes é substituída pela fala dos Parlamentares. Esses, por sua vez, apenas elogiaram os protestos ocorridos, como numa tentativa de conseguir a empatia dos manifestantes. É o caso de deputados como José Guimarães, do PT, que elogiou o “caráter pacífico” das manifestações. Outros parlamentares, por sua vez, utilizaram a exposição para criticar o partido do governo, que já era alvo de grande parte das reclamações dos manifestantes. O deputado Pauderney Avelino (do Democratas), chegou a afirmar que “O papel do congresso no

momento é instalar a comissão processante e tirar o PT do governo”, além de afirmar que é o fim de um ciclo.

No mesmo telejornal, ainda é válido ressaltar que o apresentador William Bonner chama a matéria com a frase: “Palavras de ordem contra a presidente Dilma, o ex-presidente Lula e a corrupção [com ênfase neste termo] foram ouvidas ontem no Brasil inteiro”. Novamente, a ideia de ligação entre Lula e a corrupção é estabelecida, e fortalecida pelo uso da palavra-chave dos protestos: corrupção. A construção de significados, aqui, é a mesma da TV Vanguarda e coloca o canal ao lado das manifestações e suas reivindicações, como a atuação política do governo atual.

7. Considerações Finais

Com base nessa análise, pode-se afirmar que, inicialmente, a TV Vanguarda cumpre parte de sua premissa de realizar um jornalismo local, abrindo espaço para que muitas pessoas – no caso do objeto do artigo, manifestantes – se posicionassem quanto ao tema. No entanto, existe uma pouca variação entre os posicionamentos, tendendo todos à mesma fala, com algumas palavras diferentes. Também pode ser destacada a falta de participação de outras cidades atingidas por sua cobertura que não Taubaté nem São José dos Campos, foco das reportagens.

A TV Globo, por sua vez, também cumpre sua premissa e leva ao ar um olhar mais geral das manifestações, com diversas cidades do país inteiro. Na cobertura, é possível perceber a predominância da editoria de política, que toma o espaço de fala dos manifestantes e que tem, como fim, utilizar o canal como plataforma para que os entrevistados conversem com o público, expondo seu posicionamento. Novamente, a opinião dos entrevistados possui pouca variação, e todos tendem ao mesmo posicionamento. Seu posicionamento, aliás, é o mesmo da TV Vanguarda: ambos apoiam as manifestações e se opõem à corrupção e ao governo federal, como identificado anteriormente na fala dos manifestantes e dos entrevistados.

Uma segunda afirmação pode ser feita tem base na construção de uma “simbologia típica” das manifestações, já citada acima. As reportagens, nos dois veículos, possuíam uma predominância das cores verde e amarelo, com muitas imagens da bandeira e, de maneira geral, utilizavam o hino nacional como plano de fundo para os discursos. Isso auxiliava na construção de um caráter nacionalista e patriótico para os

atos. A maneira como os três elementos interagiam entre si servia, ainda, como forma de impulsionar esse significado.

8. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Fernando. Corrupção, mídia e escândalos midiáticos no Brasil. Disponível em: http://www.pucsp.br/neamp/artigos/arquivos/artigo_97.pdf ; acessado em 11 julho de 2016.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

COUTINHO, Iluska; FERNANDES, Livia. Telejornalismo local e identidade: O jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência. In: **Intercom**, Juiz de Fora, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **A imprensa regional deve ter a arte de humanizar**. GrandAmadora, Amadora, 1999.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESTADO DE SÃO PAULO. Manifestações em todos os estados superam as de março do ano passado. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral/manifestacoes-em-todos-os-estados-superam-as-de-marco-do-ano-passado,10000021047> ; acessado em 10 de junho de 2016.

FLAUSINO, Cristina Valéria. Uma proposta comunitária: a Globo pode ter uma? In: **Intercom**, 2002, Salvador, 2002.

FOLHA DE SÃO PAULO. Manifestação contra o impeachment reúne 40 mil em SP, diz Datafolha. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1756224-manifestacao-contra-o-impeachment-reune-40-mil-em-sp-diz-datafolha.shtml> ; acessado em 10 de junho de 2016.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2002.

SANGLARD, Fernanda Nalon; LEAL, Paulo Roberto Figueira. O significado da política na cobertura do Jornal Nacional: uma representação simplista? In: **Mediação**, Belo Horizonte, v. 12, n.11, jul/dez de 2010.

NEXO JORNAL. Qual é o fundamento atual do pedido de impeachment de Dilma e o que pode vir de novo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/28/Qual-%C3%A9-o-fundamento-atual-do-pedido-de-impeachment-de-Dilma-e-o-que-pode-vir-de-novo> ; acessado em 10 de junho de 2016.

NUNOMURA, Eduardo. Diferenças e aproximações dos leitores da imprensa nacional e regional. **REVISTA DEBATES**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 97-118, set.-dez. 2015.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

SHOEMAKER, Pamela J; REESE, Stephen D. **Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content**. Longman USA, 1996.

SITE INSTITUCIONAL TV VANGUARDA. Disponível em: vanguardia.tv ; acessado em 16 de junho.

THOMPSON, John B. O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Teorias do símbolo**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 22-45, 1977.